

# Mongólia

## IMPÉRIO NÓMADA

.....  
Dançando ao vento, a bandeira da Mongólia agita-se sobre um telhado da Praça Sukhbaatar, lugar iniciático da estada em Ulaanbaatar, a capital da Mongólia. Aqui se situa o novo edifício envidraçado do Parlamento, frente ao qual se empina o prédio Blue Sky, qual capelo a sair de um cesto de verga, e a estátua do fundador destas terras Gengis Khan. Ainda no colossal recinto, uma estrutura improvisada guarda o recém-chegado Tarbossaurus bataar, com setenta milhões de anos; o esqueleto reconstruído e quase completo do primo mais novo do Tiranossauro Rex, que viveu no final do Cretáceo.

Texto Maria João Castro Fotos Pedro Sousa Dias





A Peace Avenue contraria o nome, pululando em ruído e trânsito mas, segundo tinha ouvido dizer, havia pelo menos um reduto na cidade onde era possível respirar uma certa tranquilidade: o mosteiro de Gandam, o museu-templo do lama Chojjin. O complexo foi um dos poucos que os comunistas mantiveram de pé, pois sob as ordens de Estaline foram destruídos mais de setecentos mosteiros e assassinados perto de dez mil monges que os habitavam.

Atalho por uma espécie de bairro degradado. Desemboco numa das ruas laterais que dão acesso à larga avenida arborizada, que nos encaminha para a entrada do templo. Depois de passar o portão, vejo que o recinto se divide em vários pavilhões de madeira pintada de cores vivas, que se espalham por uma extensa rampa circundada de arbustos e flores. Alguns crentes oferecem incenso e preces. Um grupo de gelugpas – monges da linhagem do budismo tibetano – passeia-se sob os chapéus amarelos, constituindo a maioria dos lamas mongóis; o seu ar jovial, apesar de alguns serem de propecta idade, aligeiram a atmosfera religiosa.

Durante a II Guerra Mundial o Buda gigante, que outrora ocupava o altar do templo, foi doado à pátria soviética que a partir dele fez canhões. Em 1996, e graças às generosas doações dos devotos mongóis, foi substituído por um novo.

Um silêncio diáfano invade o recinto. Alguns pombos aquietam-se sob as grossas paredes de madeira nas quais se penduraram tankas – pinturas ou bordados sobre seda que

representam uma deidade budista ou um mandala –, artefacto que confere espiritualidade à atmosfera religiosa carregada de incenso.

A caminhada de regresso ao centro devolve a confusão cidadina na qual encontro uma escultura improvável com a figura dos Beatles que se recorta sobre um painel cor de tijolo, idiosincrasias de uma cidade com um pé no passado milenar e outro na época contemporânea.

Adiante, o cartaz à porta do Teatro Nacional convida a assistir a um espetáculo de música e dança tradicionais. É um bom pretexto para descansar o corpo e alimentar a alma com a arte mongol a soçobrar do roçar dos vestidos de baile, todos botões e chorões que brilham na brancura dos ombros femininos, enlevados por acompanhantes de corpo musculoso e viril. As casacas verde-escuras sobre calças debruadas a prata rodopiam por entre as mãos que seguram as saias folclóricas. Há ainda números de contorcionismo, adivinhando-se a influência chinesa do outro lado da fronteira, cantos monásticos e mantras soletrados ao som dos instrumentos tradicionais, na melhor tradição da música e dança mongol ainda que os seus protagonistas mantenham sorrisos plastificados numa imagem de propaganda vinda de um pretérito já esquecido...

O novo amanhecer varre as luzes noturnas. É tempo de deixar a capital e de partir em direção ao Parque Nacional de Gorkhi-Terelj, serpenteando através dos trilhos de lama que fazem derrapar o automóvel para além do aconselhável.





*Gorkhi-Terelj define-se numa cor granítica, encimado pelas formações rochosas que o empinam de encontro ao céu. Manchando o campo verdejante, os gers níveos insinuam-se como pássaros que repousam sobre a infinidade da perspetiva.*



Horas depois, quando entramos no parque natural Gorkhi-Terelj, já o dia vai a meio. A família que nos acolhe prontifica-se a mostrar o ger onde pernoitaríamos. Existem elementos de jogo e fantasia na decoração dos gers que os torna elementos vivos na paisagem: se no exterior o que sobressai é a sua cor alabastrina na qual se insere uma porta pintada com desenhos coloridos, no interior, destaca-se a lenha a estalar na salamandra central, os tecidos floridos, que revestem as paredes circulares e as mantas tradicionais que aconchegam as camas, emprestando um conforto suplementar à sua simplicidade funcional.

Na verdade, o Gorkhi-Terelj define-se numa cor granítica, encimado pelas formações rochosas que o empinam de encontro ao céu. Manchando o campo verdejante, os gers níveos insinuam-se como pássaros que repousam sobre a infinidade da perspetiva.

Ao longe, um galo acorda a aurora, mas tudo o resto permanece embrulhado no mutismo dos deuses das trevas. Só o relinchar de cavalos e o badalar dos chocalhos das vacas que mordiscavam o pasto sonorizam a paisagem.

De repente, ouviu-se um canto gutural de magistral beleza: é o khöömii, um hino harmónico e tradicional praticado há séculos nas montanhas. Explicam-me que este se encontra diretamente ligado aos sons da natureza: ao vento, ao correr de um rio, ao restolhar dos arbustos. As comunidades rurais passaram de geração em geração esta tradição vocal, única no mundo, feita de difonias dos tenores das estepes que, dizem, reverberavam a natureza, sacralizada e pastoral, da alma dos descendentes de Gengis Khan.

É tempo de um passeio montanha acima. Os passos amontoam-se sobre a terra molhada. A subida, suave, encontra-se entrelaçada de árvores antigas, distinguindo-se nalgumas delas panos de oração budistas amarrados aos troncos. Numa das curvas do trilho ascendente paro para descansar; quando levanto a cabeça tenho uma visão surpreendente: encavalitado na encosta escarpada, um mosteiro budista cola-se à rocha, colorindo-a. É o Centro de Meditação Aryapala que parece ter surgido do nada.

Bandeiras amarelo-açafrão, vermelho-paprica, verde-coentro, grão cor de areia, branco-marfim e azul vítreo, agitam-se na aragem fresca. Depois de atravessar uma ponte estreita, suspensa sobre cordas, percorro a vereda até atingir uns degraus que se encavalitam sobre o templo. No alto das escadas ouvem-se os cânticos de um lama repercutindo-se pelas paredes de carvalho coloridas. O incensório, pertencente àquela categoria que se destina a manter os espíritos maléficos afastados, expela do seu interior um perfume a madeiras envelhecidas.

Sento-me num banco de pedra e contemplo as criativas pinturas que forram as traves, os frontões e os contrafortes que sustentam o templo enquanto um bonzo perscruta os poucos visitantes. É então que me apercebo da sua magreza, da pele amarrotada e amarelenta, da careca luzidia e, sob umas pálpebras descaídas, uns olhos verde-escuros que faíscam.

As cores luminosas de uma paleta demiúrgica repercutem-se nas bandeiras que adejam sob o azul pálido do céu:



azul-alfazema, rosa-violeta, amarelo-ocre, verde-garrafa, pinceladas de tinta que avivam a rocha lateral, desenhando caracteres mongóis que eu não decifro. As fragrâncias a sândalo, almíscar, açafreão e água-rosada, que se libertam do pau de incenso a arder, tornam-se mais fortes. Ao longe, avista-se um montículo de pedras sobre o qual se ericam bandeiras de oração que o vento vai rasgando um pouco mais a cada dia.

Retomado o caminho mongol, percebe-se que a pátria de Gengis Khan se ergue solitária entre a Rússia e a China, procurando mantendo-se equidistante entre a conservação do espírito nómada, e a globalização assegurada pela “discreta” competição entre Moscovo e Pequim sobre a região...

A paisagem, dominada pelos imensos espaços vazios de vegetação rasteira que se recorta por entre as colinas distantes vai cedendo lugar ao castanho e às pedras, encaminhando-nos para a terra seca do interior do Gobi, um deserto cenográfico percorrido pela primeira vez por um ocidental no século XIII, de seu nome Marco Polo.

Num último fotograma a sépia, fixo vários cavalos selvagens a galoparem ao longo da estepe, até que circundam um pequeno charco onde param para beber água, levantando os pescoços elegantes e fazendo ondular as crinas à aragem...



 **Across** Luxury Travel & Safaris [www.across.pt](http://www.across.pt)

